



escrita 18

guatá - cultura em movimento

palavra

Ademário Ribeiro
Almandrade

Andrea Palmar de Almeida

Bianca Montanari

Carolina Simionato

Célia Musilli

Diana Araujo Pereira

Eduardo Coli

Fábio Campana

Fernanda Regina da Cunha

Gizele Borges de Oliveira

Ludmila Rodrigues

Maria Fioratto

Maira Fernanda

Melissa Tamara

Nana Okida

Nilton de Nadai Filho

Samuel Costa

Silvio Campana

Wemerson Augusto

olhos

Daniel Di Mônaco

Dê Mané

Dilson Paulo Alves

Fábia Tonin

Julio Fornari

Jac Gimenez

Harry Schinke

Keren Rosa Cabral

Liliana Mireya Cordero

Mariana Rodriguez Espinosa

Mayara Brecher

Patrícia Contini

Percy

Yuma Martellanz



LANÇAMENTO

NET DIGITAL HD

Em 10 ANOS de NET,
FIZEMOS MUITAS COISAS.
EVOLUIR foi uma delas.

- Imagem de Cinema
- Som Dolby Digital 5.1
- Pacote com 115 Canais
- Possibilidade de Gravação de Programação

E Muito +

Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

SEJA um NET DIGITAL
2102-0533 | www.netfoz.tv.br

NET
DIGITAL HD

A (R)EVOLUÇÃO DA SUA TV

8 ANOS
H2FOZ

O portal
das
Cataratas



WWW.H2FOZ.COM.BR

City Bier
PETISCARIA

Sabor e descontração
no coração da cidade!



Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques e sucos naturais
Petiscos e pratos regionais

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ 3025.3977 e 9954.3969
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.



Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Poema de Ferreira Gullar, escritor brasileiro.

Fotografia de Jac Gimenez, publicitária em Foz do Iguaçu, Pr.

tirando a letra



memória

Decáda de 40 do século passado. Na foto, atribuída a **Harry Schinke**, operários trabalham na construção do Hotel Basso, um dos primeiros edifícios de alvenaria, no centro da cidade de Foz do Iguaçu.

03 - Tirando de Letra - Ferreira Gullar
e Jac Gimenez

04 - OLHOS - Harry Schinke

06 - "Surdez", de Nilton de Nadai Filho

08 - OLHOS - Keren Rosa Cabral

09 - "Ímpio florescer", de Ludmila Rodrigues

10 - OLHOS - Percy

11 - "A idade do besteiro", de Fábio Campana

12 - OLHOS - Mayara Brecher

13 - "Otras Palabras" - Diana de Araujo Pereira

14 - OLHOS - Julio Cesar Fornari

15 - "Tantas Palavras", de Célia Musilli

16 - OLHOS - Mariana Rodriguez Espinosa

17 - Poesia - Maria Fioratto

18 - OLHOS - Dilson Paulo Alves

20 - Poesia - Eduardo Colin

21 - OLHOS - Yuma Martellanz

22 - "A despedida da velhinha...", de Wemerson Augusto

23 - OLHOS - DeMané

24 - OLHOS - Liliana Mireya Cordero

25 - Poesia em Aymará - Liliana Mireya Cordero

26 - Epidemia de Poesia

27 - OLHOS - Patrícia Continni

28 - "O dia em que deixei de fumar", de Carolina Simionato

30 - Circuito Iguazú de Música

32 - Olhos & Palavras

34 - Um Toque - Almandrade



escrita 18



De repente você abre esta revista e é o tempo que está aqui, majestoso como o "silêncio" que o olho poeta de Yuma Martellanz nos ofereceu para a capa. A italiana colaboradora da Escrita, dublê de cozinheira

Guatã
cultura em movimento

e fotógrafa, que anda pelos continentes a procura de espelhos para suas reflexões, foi até o pé dos Andes para dar cores ao retrato do encontro do homem com a maturidade e a velhice.

Escrita é uma publicação
da Associação Guatã - Cultura em Movimento,
entidade de finalidade artístico cultural,
sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler,
Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - Foto da Capa: Yuma Martellanz

Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Ademario Ribeiro, Almandrade, Andrea
Palmar de Almeida, Bianca Montanari, Carolina Simionato, Célia Musilli,
Daniel Di Mônaco, Dé Mané, Diana Araujo Pereira, Dilson Paulo Alves,
Eduardo Coli, Fábiana Tonin, Fábio Campana, Fernanda Regina da Cunha,
Gizele Borges de Oliveira, Jac Gimenez, Júlio Fornari, Keren Rosa
Cabral, Liliana Mireya Cordero, Ludmila Rodrigues, Maria Fioratto,
Maira Fernanda, Mariana Espinosa, Mayara Brecher, Melissa Tamara,
Nana Okida, Nilton de Nadai Filho, Patrícia Continni, Percy,
Samuel Costa, Wemerson Augusto e Yuma Martellanz

Visite-nos:
www.guata.com.br

twitter:
[guata_cultura](https://twitter.com/guata_cultura)

facebook:
[guata cultura em movimento](https://www.facebook.com/guata.cultura.em.movimento)

Contate-nos:
guata@guata.com.br

Junto com ela, outros convidados trataram de dar uma demão à memória e à imaginação. O resultado é uma coletânea de imagens e textos, ficcionais ou não, que traduzem a vida em nossos dias, com um tom sempre presente de diversidade e inquietação.

Boa Leitura!

☀ Silvio Campana

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. Tiragem: 2 mil exemplares

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

**CULTURA
VIVA**
PONTO DE CULTURA
PULSANDO O BRASIL



escrita 05

surdez

Era um mistério muito grande, do tamanho do universo e resolvê-lo parecia uma tarefa tão dispendiosa como contar todas as estrelas das galáxias. Não se sabe ao certo quando ocorreu, se foi algo brusco ou insidioso, se foi natural ou iatrogênico; enfim, era inexplicável o fato das pessoas terem desaprendido a escutar.

A hipótese mais discutida dissertava que, por não haver mais sentido ao homem o sentido da audição, a peneira da seleção natural alargou seus poros, ao passo que os surdos infiltravam-se na população. Mas o que é mais interessante, e ao mesmo tempo tenebroso, não é a quantidade de impossibilitados de ouvir, pois esses não eram muitos, mas sim os que nunca foram capazes de escutar.

As ruas eram escuras e silenciosas como uma prisão, na qual todos viviam em regime solitário, sem grades para se apoiar e nem carcereiro para ouvir os gritos desesperados por atenção. As pessoas se trombavam pelas calçadas, como se chocassem em móveis de cozinha. Ao final do dia, todos seguiam para suas casas, como numa romaria. Num silêncio indolente, enterravam-se em suas catacumbas, permanecendo num claustro imperturbável

até o despertar da próxima manhã.

Junto à alvorada, Júlia abriu seus olhos. Esticou seu braço, mas não havia ninguém ao seu lado, foi apenas um sonho. Levantou-se como toda manhã, lavou seu rosto como toda manhã, tomou café como toda manhã, conversou com o espelho como toda manhã, e como toda manhã ele não a respondeu.

Apesar de frias e silenciosas, as paredes de seu apartamento lhe davam mais segurança que as pessoas que conhecia. Sempre presentes, as mesmas paredes que delimitavam seu cárcere, a libertavam da censura alheia. Eram as únicas a assistir seus prantos, a ouvir o uivar de seus lamentos, a sustentar os tombos trépidos; e, mudas, acobertavam tudo.

Antes de sair de casa para ir ao trabalho, Júlia fitou a parede mais uma vez, ela olhava para um retrato de quando era criança. Aquele olhar infantil, cheio de sonhos, apesar de ter pretensão alguma além brincar de ciranda, tinha mais brilho do que aquele olhar cego que a encarava friamente no espelho toda manhã. Ao lembrar-se de quando contava os dias para chegar os finais de semana, e então poder brincar; Júlia ouviu

seu próprio suspiro, e sentiu um forte hálito de nostalgia. Aquela imagem pendurada enfeitava a parede com o último sorriso que enfeitou seu rosto. A única lágrima de que se recordava era doce; e as tardes chuvosas de domingo eram os únicos motivos que a faziam sentir aquele elixir adocicado escorrer para seus frágeis lábios.

Caminhando para seu trabalho, Júlia estava desatenta; num estado catatônico, aquele retrato continuava pregado nas paredes vivas de sua memória. Sentia saudade de sorrir, de chorar, de sofrer e de aproveitar o momento para depois se arrepender e sofrer novamente. Ao voltar de seus devaneios, olhou para frente, o sinal de pedestres estava vermelho. Não havia carro algum na rua, mas esperou. Ensaçou um avançar de passo sorrateiro, mas aquele aparelho inanimado desanimava suas pretensões inglórias. Assim que o sinal ficou verde, ela avançou. Cabisbaixa, envergonhada pelo insucesso, derrotada por si mesmo, sentiu um aperto no peito, uma vontade louca de gritar, mas com a boca muda, deixou os olhos falarem por si, e uma minúscula lágrima correu seu rosto abaixo. No meio da rua, mudou de direção; angustiada, voltou para o lado de onde partira.

Pacientemente esperou o sinal fechar mais uma vez, e ao ver a lâmpada vermelha desafiá-la novamente, correu triunfante, como os plebeus na Queda da Bastilha.

Uma sensação de fraqueza infligiu Júlia, como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo; seus olhos ardiavam com tanta luz, como se tivesse saído de um ambiente escuro; e seu coração estava acelerado, como se fosse domingo de sol. A questão que a intrigava nesse instante, era quando foi que ela fechou os olhos para o mundo e repousou num leito estéril, coberta apenas com um manto de estoicismo.

A cada passo em direção ao trabalho, mais uma folha de sua memória era virada e examinada com zelo. Muitas imagens passaram por seus olhos, o dia em que trocou sua chupeta por uma boneca, a tia da pré-escola, o primeiro namorado, o primeiro ex-namorado, seus 15 anos, o vestibular, a formatura, o primeiro emprego e o último salário.

Ao chegar na empresa, se deparou com a resposta. Aquele edifício grandioso, com colunas majestosas, jardins esplendorosos, um hall com quadros magníficos, estava vazio. Não há ser humano

digno de tocar um piso tão impecável - pensava. Sozinha, olhando para os espelhos da fachada, não conseguia entrar no prédio, apesar de passar por aquela porta com tanta naturalidade diariamente. Quando entrava, apenas seguia o fluxo, com olhares fixos para o nada, silenciosos, ociosos.

Observando o prédio, notou que as colunas eram apenas ornamentais, não sustentavam peso algum. Nesse momento, voltou-se aos espelhos do edifício, sua maquiagem derretia, seu rosto inteiro se liquefez. Levou suas mãos ao rosto, sentia que ele era feito por uma substância amorfa, parecida com argila. Num impulso, começou a modelar seu rosto novamente, mesmo sem nunca ter feito escultura alguma. Com uma tranquilidade imprópria para o momento, se aproximou mais do espelho, e reconheceu seu novo semblante, era o mesmo de quando era criança. Aquele olhar pendurado na parede da sala, era o mesmo que estava em pé, logo a sua frente, no espelho. Jogou seu blazer com tanta gana, como quem se livra de algemas, que seu celular caiu no chão. Ao juntá-lo, viu no display que era domingo, olhou para o céu, fazia sol. ☀



Nilton de Nadai Filho é estudante de Medicina em Pelotas, RS

CURSO DE DESENHO

PARTICULAR



Rostos
Caricaturas
Corpos
Charge
Cartoon
Animais
Paisagens
e outros

PARA TODAS AS IDADES

Só Terças e Quintas - Material Incluído
Ambiente Climatizado

Cel. 9908-1547

Rua Almirante Barroso 1305 - Centro
(entrando no estacionamento)
memo_65_44@hotmail.com

Fruto Verde

LANCHES

- Sorvetes
- Lanches
- Perções
- Bebidas em Geral



Fone: 3524.3887

Rua Belo Horizonte, 999

Jd. Petrópolis - Foz do Iguaçu, Pr.

Keu

Salão de Beleza

Corte - Escova - tintura
Hidratação - Esteticista
Massagista - Pedicure - Manicure

Tel: 3575.4418

Rua Guaraqueçaba, 2027, sala 2
Jd. Belvedere II - Foz do Iguaçu, Pr.

olhos



praiana

Fotografia de Keren Rosa Cabral, comerciária em Foz do Iguaçu, Pr.

Ímpio florescer

Uma limonada rala talvez a levasse àqueles dias outros. Foi à cozinha e espremeu a fruta, misturou água e entupiu de açúcar. Precisava de açúcar no sangue e na vida. Foi transportada para os dias azuis de calor, família por perto, cheiro de banana da terra frita com canela. A casa ainda tinha grama macia, aquele parque construído quando veio a notícia do seu nascimento, o carrossel ainda completamente amarelo. As pessoas da casa eram como permaneciam na parte boa da memória, cheias de um cansaço vivo, gritavam "menina, pare de girar tão rápido nesse brinquedo" com um sorriso na cara de família boa e alegre, sem mortes, esquecimentos, rancores e amarguras. A menina suada, vestido sujo, inundada de infância daqueles dias sorria e gargalhava, não tinha que se preocupar com escola, somente com a hora do banho que era sempre depois de o sol se pôr. Em seguida, vinha a comida de sempre, mas com gosto de férias, a casa já iluminada pela lua, cabelos limpos esfregando a terra porque ela olhava para o céu de sua infância. Então, ouvia "menina, você acabou de tomar banho, levante dessa terra", palavras proferidas por uma gente toda sorridente que também tinha cara de férias. A verdade é que, mesmo quando não estava de férias, aquela gente era feliz e lindamente cansada. Vinha o sono. Cama quente envolvendo tão bem corpo de menina exausta que dormia e sonhava com o

brincar de esconde-esconde. A escola se encarregava de vestir meninas de flor nas primaveras, a mãe ia assistir ao espetáculo e sempre chorava vendo a menina vestida, vez era de violeta, vez, de tulipa branca. O ano passava com suas estações marcadas, sanduíche e limonada pela manhã, sempre uma vontade que renascia, era o saber da existência das férias, era a certeza de que a felicidade não era só o hoje, era ter família com almoço aos domingos e remédio só quando vinha doença de criança.

A acidez do limão começava a corroer língua e garganta, esôfago, estômago. A limonada não ficara rala. Doía. Sim, porque estava de férias, mas os dias não voltavam, eles não voltavam, tudo era tão diferente, meu deus, não havia mais mato em flor na primavera, isso porque também não havia mais menina vestida de flor aos setembros, choro doce de mãe. Não havia mais festa com bolo de aniversário e bom mesmo era esquecer que todo ano aquele dia insistia em nascer. Precisou-se de remédio para dormir, remédio para acordar, remédio para conseguir ver um dia inteirinho existir. Sabia que casa não havia mais, também não mais havia nada do que antes ficava dentro dela.

O cansaço vivo daquela gente ficou no que há de memória: no colorido de livros, filmes, fotos, na ferrugem do carrossel amarelo, nas tulipas brancas de outros setembros. ☀



Ludmila Rodrigues é escritora em Salvador, BA

olhos



elvis

Caricatura de Percy,
ilustrador espanhol radicado em Foz do Iguaçu, Pr.

10 *escrita*

A Idade do Besteiro

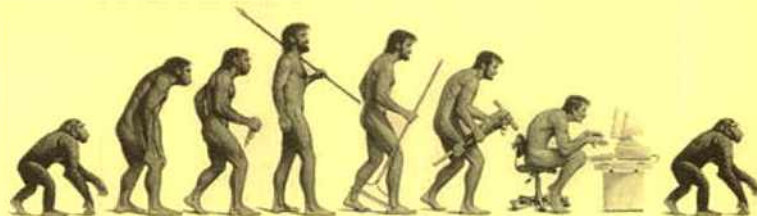
Li, outro dia, que Arthur Koestler calculou que no século XVIII a humanidade dispunha de um grande pensador ou um grande escritor para cada 50 mil habitantes. Hoje, ela não terá mais de um para cada 200 milhões de viventes.

Contrariando todas as previsões erguidas no século XIX, a velocidade e amplitude da produção e distribuição de riquezas, em vez de nos darem asas, fizeram-nos pedestres morais e intelectuais, soldados de infantaria a rastejar no deserto, envolvidos, quando muito, em pequenas escaramuças de circunstância.

Entramos no século XXI angustiados pelo destino sem grandeza que é a marca de nosso tempo. Nem por isso conseguimos escapar facilmente da servidão ideológica que a sociedade industrial nos impôs. Sucumbimos às evidências e às tentações do progresso material e nos recusamos a questionar o empobrecimento da vida intelectual que patina no lamaçal da bricolagem pós-moderna.

Ninguém, em sã consciência, põe em dúvida as vantagens que as descobertas científicas proporcionaram. A medicina avançou em algumas áreas e com ela a expectativa de vida da maioria dobrou. Agora o homem vive mais e dispõe de mais tempo para o ócio criativo, mas prefere gastá-lo no consumo conspícuo da cultura de baixa densidade.

As comunicações tornaram-se virtualmente instantâneas e compulsórias, além de universais, o que ampliou o mercado de ilusões e expectativas. O mundo contemporâneo, com sua classe média emergente, tornou-se ávido pelo besteiro produzido incessantemente pelos meios de comunicação. Besteiro que constitui 99% do acervo da internet, a fonte mais consultada



para esclarecer dúvidas da manada.

Um operário qualificado de hoje vive com muito mais conforto e higiene que os membros da corte de Luís XIV. Que dizer da vida de um camponês da primeira metade do século passado se comparada com a do homem do campo em nossos dias.

Também houve avanços na tolerância. Barreiras milenares de censura, restrições morais e policiais caíram até o limite vizinho da extinção. Preconceitos antigos que regiam o comportamento das pessoas desapareceram em proveito da liberdade.

Resultado da farta produção e distribuição de bens materiais, saltamos da pós-barbárie para a vida moderna. Nem tudo, entretanto, são flores. Mas é preciso perceber que há um terreno em que as virtudes da moderna tecnologia mostraram-se pouco eficazes e até contraproducentes. É o da criação intelectual, que perdeu em quantidade e até em qualidade. Atrofiou-se.

Ora, pois, a demanda cresceu, a produção encolheu, a solução do século foi mediocrizar para atender às expectativas da maioria. Basta ver as nossas universidades. De centros de produção do saber passaram a produtoras em massa de técnicos de baixa extração.

O que faz sucesso é a mediania. O que a massa exige não é a grandeza, o gênio criador ou até a incômoda dimensão heróica de outras épocas. A originalidade não tem valor, o que vale é a moda. As pessoas se identificam pelas grifes e se dão a todo tipo de vulgaridade, inclusive na cama.

E chamam isso de felicidade.



| encontro

Fotografia de Mayara Brecher,
estudante de Fisioterapia em Foz do Iguaçu, Pr.

A terra me devolve suas recordações, náufragas, nós duas, entre tantos mares.

Riscado o nome, o que sobra de ti mesmo? Escrituras de palimpsesto, submersas na bruma de segunda a Sexta, colagens de memórias e cruces, de imagens que flutuam pelo ar.

Escrituras de um palimpsesto cósmico, com fragmentos de estrelas e pó de astros, onde a aurora se redesenha ao longo de muitos invernos.

Anteriores janelas fecharam-se de repente, mas ilude pensar que tudo sempre volta a recomçar. Ilude e mantém a utopia madura que pende do lápis ou da árvore robusta do pátio próximo.

Sem o pé que pisa o caminho, não há caminho e tampouco andar.

¿De qué materia está hecho el nombre?

Los que no lo tienen acuden a la tele todos los días, como sílabas o letras de una frase partida, de un alfabeto roto. Algunos piden ayuda, otros se vuelven cada vez más sombra en la larga sombra de toda una vida.

Escribo desde el hambre, el dolor y la muerte.

Escribo desde la pérdida del sentido.

Centelhas en nuvens. Passam as horas as horas e os ciclos calamitares. Entre linhas e pontos, os triângulos inalcançáveis do desejo. Pela ponte, a torre, o campo, o planeta... a emoção humana e a solidão.

As aparências e os sonhos continuam negociando quantidades de perda e ganhos.

Homem e mulher se comam alma em riste, lados de uma mesma moeda lançada no ar em um *coup d'état*.

Morir es tragarse la nada boca abajo. ¿O será eso vivir?



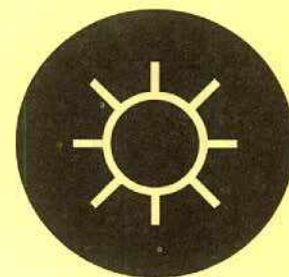
Diana Araujo Pereira é professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

Os textos publicados são fragmentos do livro bilíngue "Outras Palavras/Otras Palabras"



escada

Fotografia de Júlio Cesar Fornari,
músico em Foz do Iguaçu, Pr.



Tantas palavras

Elas formam um jogo desdobrável, evolutivo ou restritivo.

“Na Grécia, as crianças brincam com ossinhos e os homens com palavras.” A frase de Lisandro, que foi um general espartano, caberia na boca de um poeta. Não me canso de pensar sobre o uso das palavras, a sua descoberta, a mudança radical que significam a fala e a linguagem a nos diferenciarem de todas as outras espécies.

Não fosse a palavra, não poderia “visitar” vocês neste domingo, pessoas que nunca vi e que com quem tenho tanta intimidade. Nos relacionamentos, só devemos nos preocupar de fato quando cessa a comunicação, a ponte para descobrir coisas novas, aspectos proporcionados por conversas e trocas que passam pelo conhecimento e o afeto.

Palavras têm tanto poder que nos fazem rir ou chorar. Sua falta pode nos dar a sensação de morte. Seu excesso pode nos cansar a ponto de querermos o silêncio, como quem se recolhe embora ainda ouça o seu diálogo interno. Palavras podem ser tão complicadas quanto papibaquígrafo - e nem se preocupem em procurar o significado desta palavra, ela não existe, é apenas um trava-línguas como “o mafagafo que tem muitos mafagafinhos.” Ou podem ser tão simples quanto mãe.

Os trava-línguas ou parlendas são jogos muito antigos, citados até no Kama Sutra, onde aparecem como uma das “64 artes a serem praticadas pelas cortesãs.” Ou seja, uma brincadeira principalmente de mulheres e

crianças, que adoram explorar a graça dos vocábulos pelo ritmo, sonoridade ou dificuldade.

Palavras são desdobráveis, de uma mesma raiz saem inúmeras possibilidades. Grafia, que vem do grego e significa escrever, deu origem a gráfico, referente à escrita, ou ainda a autógrafo, coisa que agrada demais a tientes e celebridades e quer dizer “escrito pela própria pessoa.”

As palavras em si são um jogo, desdobráveis e evolutivas, diria mesmo que sempre vivas, embora existam também as que desaparecem ou morrem, como quase tudo o que não se usa.

Meu avô utilizava expressões arcaicas como senhorio e passadio, duvido que um adolescente hoje saiba o que isso significa. Então, aí vai: passadio, alimento usual.

Palavras ainda podem ser verbos como “amar” ou substantivos como “amor”. E as duas são lindas. Podem ser usadas como metáforas ou metonímias, ampliando significados como um viés “intuitivo” da língua, que se desdobra infinitamente.

Talvez esta condição da palavra, de se movimentar como estrela ou galáxia, expandindo ou restringindo significados, provoque em mim o encanto do jogo eterno. Até por isso, em vez de lê-los textos. Eterna trama a vestir inúmeros sentidos. *



Célia Musilli é jornalista em Jaú, SP.

*Um livro aberto
é um cérebro que fala;
fechado, um amigo que espera;
esquecido, uma alma que perdoa;
destruído, um coração que chora.
(Voltaire)*



Kunda
Livraria Universitária

- ♦ 50.000 títulos disponíveis
- ♦ Livros raros e importados
- ♦ Livros didáticos e universitários
- ♦ Aceitamos encomendas
- ♦ Condições para estudantes e universitários na entrada escolar
- ♦ Condições para professores



Kunda
Livraria Universitária

Centro

Rua Almirante Barroso, 1473
85851-010 - Foz do Iguaçu - PR
Fone/Fax (45) 3523-4606
livros@livrariakunda.com.br



Si en la inmensidad más oscura,
te encuentras desolado, buscas en el alma -renacer-
no dudes el tomar su mano y la mía,
encuentra la energía que los pasos urbanos esquecen,
arrebata de ellos las miserias carentes de sentir.

No cargues en tus costas,
los juicios inconvenientes de mentes doentes,
-convive-
Muestra tu andar sincero,
-crece-

Mas no repares en ello,
viaja en poesía que el recuerdo de tus palabras
cobran eco de razón.

Estas humildes palabras son en homenaje a unos de los compañeros más maravillosos que he conocido en esta constante lucha,
nos ha enseñado a caminar tras nuestras utopías y a saber que no vale ninguna revolución sin amor. Gracias Cleriston.

mandala

Ilustração de Mariana Rodríguez Espinosa,
uruguiaia, estudante de Ciências Políticas em Foz do Iguaçu, Pr.

Mariana Rodríguez Espinosa.

Névoa na serra
Leveza do líquen
Como prenda
Na pedra

No lago
Lua em perigeu
Prata sobre breu

Ondula a luz
Sinuoso
Todo movimento
Dança o mar

Desatino
Traçar o destino
Pelo avesso

Levantei de pijama
A cama
Ainda me chama

**um modelo
primordial
para tudo
sombras
bordejando um fundo**

**somos desproporção?
no fundo
o mesmo
furacão**

**era amarela a flor do
ipê
pintando ruas
da memória**

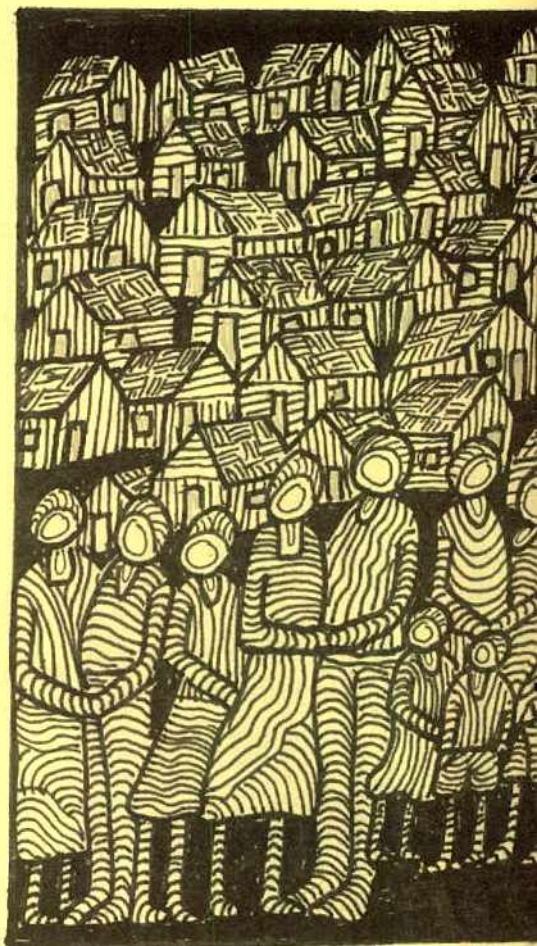
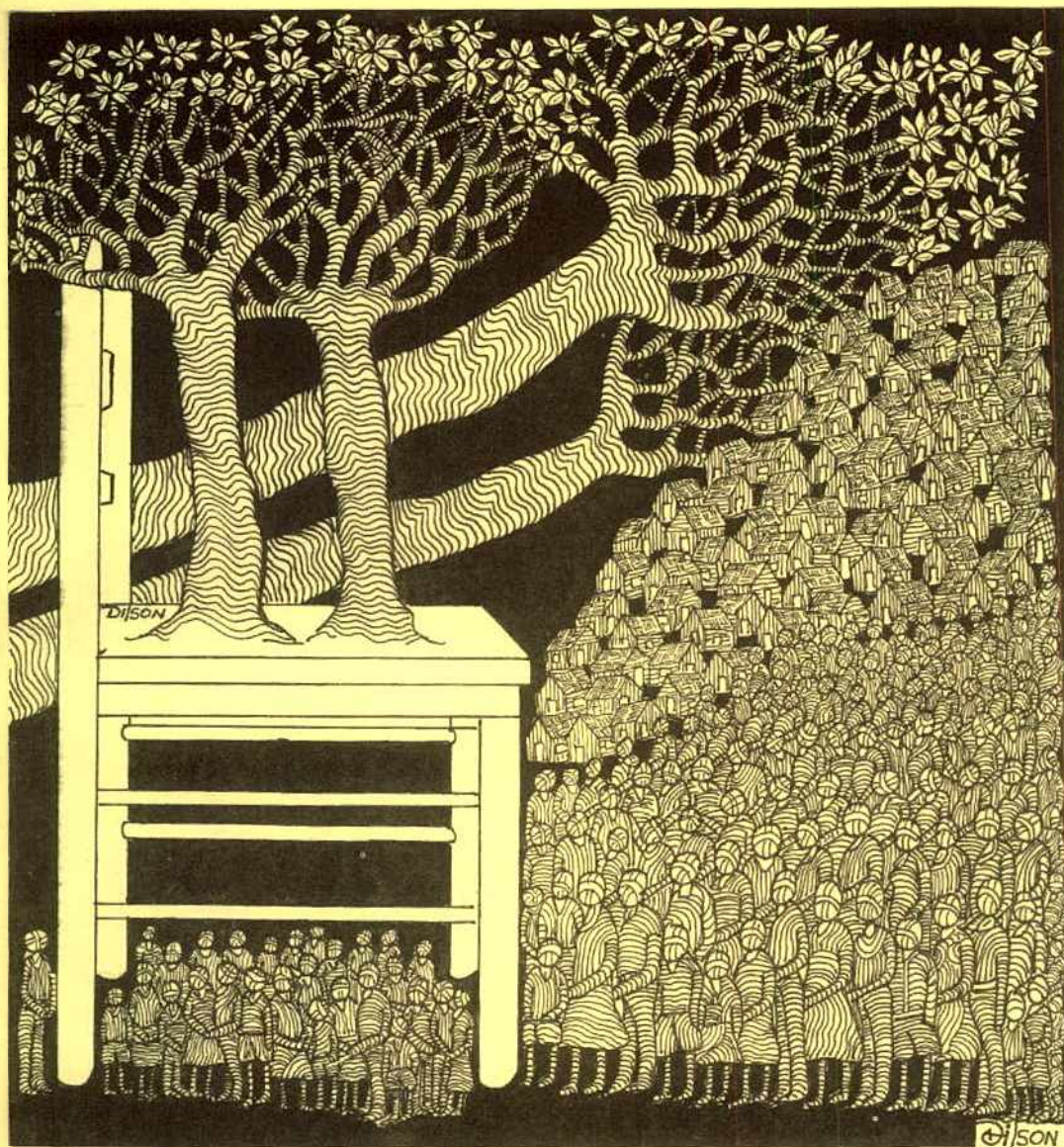
maria

fiorato

Bach de bike
abro os braços na descida
pra sentir o voo



Maria Fiorato é historiadora em Londrina, Pr.



ofnos



Desenhos a nanquim
de **Dilson Paulo Alves** é servidor público
e artista visual em Foz do Iguaçu, Pr.



Gebing
Transportes Ltda.

Fretamento
para roteiros
urbanos
e viagens
intermunicipais.



Pacotes especiais para:

- Escolas
- Igrejas
- Empresas
- Eventos culturais

Tel: (45) 3525 0520
(45) 9926 1231

Foz do Iguaçu - Pr.

Esta palavra

Eduardo Coli

Esta palavra
Que procura la calle
La desnudez y belleza
De lo sensible
No va a gustarle
A quienes la emplea
Como monumento
De veneración incuestionable
De verdad absoluta
Desde donde se amparan
El ejercicio
De la violencia
Contra lo verdaderamente esencial
De tu boca
Manos y hambre

La cultura escrita
la autoridad de la palabra
del discurso social
civilizante
no se deja matar
no se sirve en platos
no se deja consumir
comer
digerir

Precisamente
por quienes son sus victimas
mas tiernas y preferidas
por los condenados cuerpos de la miseria
No alimenta
ni nutre
no le sirve a la realidad

no fundamenta y le devuelve el mundo
la riza
las playas y montañas
robadas
violadas
saqueadas
secuestradas
a los niños confinados
en basurales
en el odio
en el olvido
en el desprecio.



Luis Eduardo Coli Martinez, uruguaio, é poeta em Foz do Iguaçu, Pr.



silêncio

Fotografia de Yuma Marterllanz, italiana, cozinheira de um veleiro que singra os oceanos.



ADVOCACIA

Criminal - Cível - Trabalhista

Fone: (45) 3027.1779

Av. Brasil, 531, Sala 54,
Gal. Center Abbas, Foz do Iguaçu, Pr.

UIUEIRO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

**Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802**

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



Contabilidade e Assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br

Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Rios

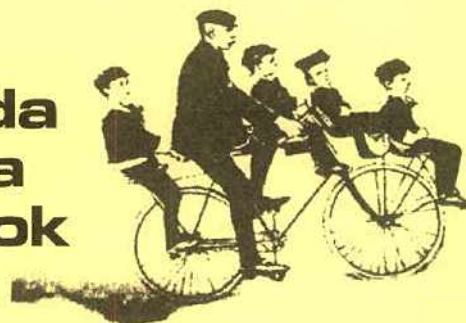
Instituto de Beleza

Tratamento facial
e corporal

Marque sua hora:

Fone: (45) 3572.6910
Cel: (45) 9967.0295
e 8422.5300

A despedida da velhinha do Facebook



Maria das Flores descobriu a internet aos 99 anos de idade. Num domingo chuvoso e de muita solidão. Logo nos primeiros dias se apaixonou pela interatividade das redes sociais. A descoberta foi um delírio. O cadastro nas mídias possibilitou o reencontro virtual com ex-namorados, amigos de infância, colegas de trabalho e claro, com novos amigos. Cada dia mais pessoas insistiam em sua amizade.

Flores ficou conhecida como a velhinha do Facebook, onde esbanjava vitalidade e sensualidade. A idade era apenas um detalhe. Sua cabeça era de uma moça aos 18 anos no gás da juventude, transpirando vontade de fazer as coisas. O comportamento da internauta atraía a curiosidade de muitos. Principalmente dos sabichões que defendiam que o futuro da humanidade passava pelas redes sociais.

Milhares de amigos lhe cumprimentavam logo pela manhã em seu perfil no Facebook. Era uma rotina de adoração a senhora conselheira e badalada. Numa quarta-feira os amigos são pegos de surpresa com o seguinte convite de evento. “Despedida de Maria das Flores será realizada no Cemitério Céu Colorido, às 14 horas. No local haverá pontos de conexão e Wi-Fi - internet sem fio -, para todos”.

Exatamente 4983 amigos confirmaram presença. Apenas seis postaram que não iriam e cinco não sabiam. Com um sol de 38 graus e um público de quatro pessoas é iniciada a cerimônia. Da esquerda para a direita: o padre, o coveiro, o sobrinho da falecida e um vereador da cidade, que chorava muito e mesmo cansado, era obrigado a carregar uma pilha de cinco mil panfletos. ☀

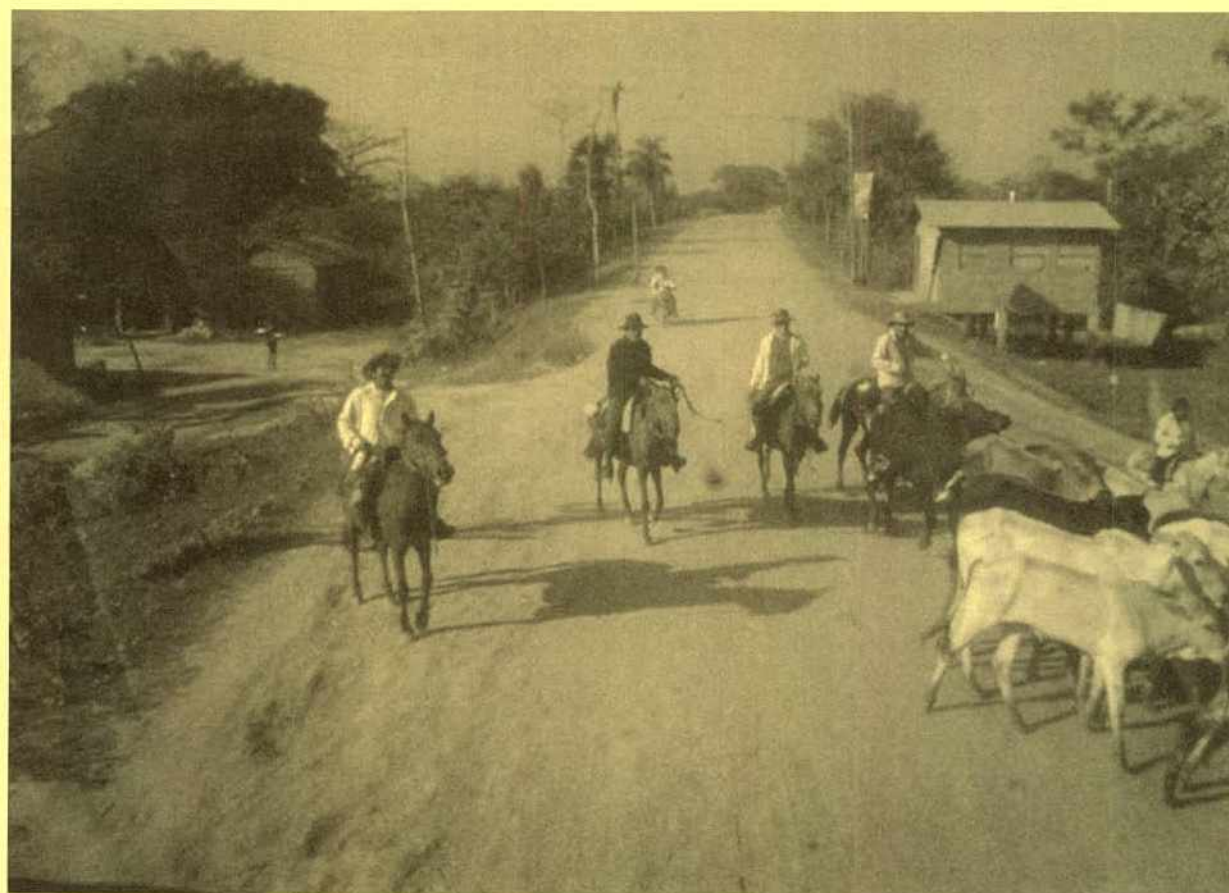


Wemerson Augusto é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



retratos da noite

Desenhos a lápis, feitos por Dê Mané,
vigia noturno em Foz do Iguaçu, Pr.



arrear el ganado

Fotografia de **Liliana Mireya Cordero Velarde**, boliviana,
estudante de Relações Internacionais em Foz do Iguaçu, Pr

WIÑAYA AYMARA MARKA

**Markasästi, wiñaypacha jakiriwa.
Markasästi, janipuniwa jiwkaniti,
Markasana amuyasiñapasa wali askirakiwa,
tunu tatanakasaxa wali munasipxiritayna markapa,
ukhama munasiñasawa markasa,
taqpacha jiwasanakanxa. Markasästi,
wali thurintatarakiwa.
Jiwasä markäsa wiñaypacha jakañapatakixa,
wakisiwa yatichañasa wawanakasaru jiwasana arusata.
Jani phinq'asipxañaniti arusata parlasiña.**

ETERNO PUEBLO AYMARA

Nuestro pueblo vivirá por siempre.
Nuestro pueblo nunca morirá.
El pensamiento de nuestro pueblo es hermoso,
nuestros ancestros querían mucho su pueblo,
igual queremos todos a nuestro pueblo.
Nuestro pueblo está bien enraizado.
Para que viva eternamente nuestro pueblo,
necesita que enseñemos a nuestros hijos en nuestro idioma.
No tengamos vergüenza de hablar en nuestro idioma.



Texto em aimará e tradução para o espanhol de **Liliana Mireya Cordero Velarde.**

Aimará ou Aymará, língua do povo de mesmo nome estabelecido desde a época pré-colombiana no sul do Peru, Bolívia, Chile e norte da Argentina. Estatísticas mostram que mais de 2 milhões de pessoas falam o idioma nos quatro países. Desses, um milhão e duzentos mil são bolivianos assim como Liliana.

POESIA NA ÁRVORE

Samuel Costa

Eu prefiro frases feitas...
Lê-las, e pensar que são minhas!
Dizer: Eu te amo...
Usando velhos clichês
Finjo ser poeta
Às vezes contista...
Uso velhos clichês
"Porque dizer eu te amo...
Não é dizer bom dia!"
Escuto velhas músicas!
E chego a pensar que a dor é minha.
Mas não é!!!
Penso em ser prosador...
Para voltar para a minha infância...
Aonde corro e corro de novo...
Corro entre becos e vielas...
...de braços abertos!
Finjo ser poeta...
...na pós-modernidade!
A ignorar regras, rimas e métricas...
A desdenhar de antigas elegias!
Todas as velhas fórmulas prontas e acabadas.
Velhas formas de amar musas intocadas...
Finjo ser versejador...
Nos tempos modernos!
E em meus versos!
Sinto que não fostes embora...
Estás perdida...entre os meus versos...
Mais profanos...
Finjo...que não te perdi para sempre,
Às vezes leio velhas poesias.
Mas, só às vezes...
E penso que são meus...
Aqueles idílios de saudade...
Eu gostaria de ser um poeta.
Para pensar que não te perdi para sempre...
Imortalizar-te-ia em meus versos!
Às vezes penso ser poeta!
Na pós-modernidade!
A usar velhos clichês!
E digo: "Dizer te amo...não é dizer bom dia"

epidemia de poesia

CI, MÃE DO MATO

Ademario Ribeiro

Ci, Mãe do Mato,
Sem minha muiiraquitã
Padeço de panema
Cadê m'ia Iracema?

Moema s'acabou no mar
E Moacyr fruto de um amor
Foi um Filho da Dor.

E lá se foi Paraguassu
Entre nobres londrinos dançar
E do lesguenzo Diogo Álvares Caramuru
Tantos filhos procriar!

Makunaíma saiu do colo teu
E na Selva de Pedra
Em mais confusões se meteu...

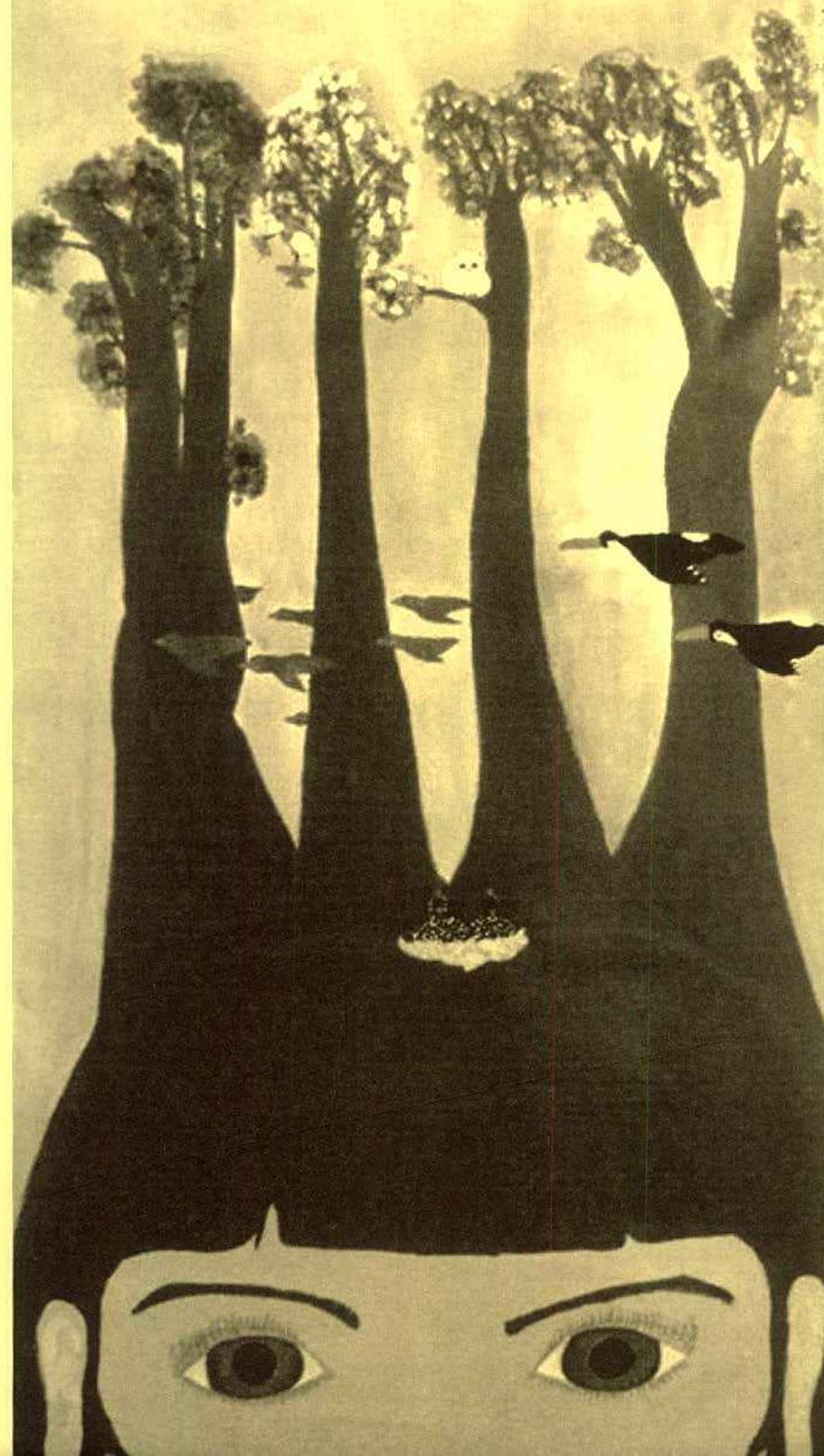
Ci, Mãe do Mato
Cipós são teu cabelo
I si sabiá nun sabe
Tu sabes meu pesadelo
Do medo da Mãe da Noite Adentro:
Ela me cansa e assombra
Faz me perder e sua sombra
Me esmaga e me come por dentro!

Ci, Mãe do Mato
Destrança meu caminho,
Dá-me u'a erva p'ro cansaço
Um vaga-lume p'resta noite:
Careço trevesá este eito!!!

*Nota do autor:
Em língua Tupi, família Tupi-Guarani,
tronco Tupi e dialeto Sertanejo.*



Samuel Costa é poeta em Itajaí, SC.
Ademario Ribeiro é pedagogo
e diretor de teatro em Simões Filho, BA.



sobre macunaíma

Acrílico sobre tela
de **Patrícia Contini**,
educadora em Londrina, Pr.

dia em que parei de fumar

Em um salto levantou e tomou toda a luz do dia para si. Sentia-se privilegiada por ter aqueles dois belos pulmões que passariam a ficar livre da nicotina cheios de ar de boa qualidade.

Depois de muito ouvir que deveria parar de fumar e pouco ligar, resolvera que talvez todos estivessem certos. Quem sabe, afinal? Podia ser. Tinha aquela mulher que morava perto de sua avó e tivera um câncer – de pulmão, parecia – e dizia-se que sofrera muito. Bem, era óbvio que sofrera... E, de qualquer forma, não era o que queria para si. Aqueles lenços coloridos cobrindo a recente perda de cabelo faziam-na ficar com uma aparência febrilmente frágil e bonita, entretanto. Mas tudo isso era besteira; ela estava parando de fumar e preparando-se para um possível ganho de peso – ou talvez dois, como pensara ontem mesmo – e pouco importava o câncer que não teria. Ia viver muito mais.

E também queria ter filhos. Não tinha o pai ainda, mas isso era arranjável. O que importava era que o desejo materno havia, finalmente, aparecido.

Foi com conclusões bobas que passou os momentos do começo da manhã. Colocando belos sapatos, amarrando o cabelo de um jeito diferente – que possivelmente só ela perceberia –, escovando os dentes ou bebendo um copo d'água, sua felicidade futura não lhe

saía da cabeça.

Andava pela rua calmamente e respirando, se é que era possível, euforicamente. A cada passo imaginava que alguém novo a estaria percebendo de um modo novo e de comercial de perfume. Sentia-se mais do que capaz: invicta.

Após a caminhada da glória, chegou ao trabalho e sentou-se rapidamente, mas graciosíssima. Não se sabe o que esperava, poderia ser desde uma orquídea roxa, cinquenta rosas que murchariam antes que ela chegasse em casa ou, quem sabe, um aspirador de pó. Era perceptível que seu estado, sedado e incoscientemente feliz era apenas uma externalização estranha da ansiedade que consumia-lhe por completo. Ela não conseguiria entender tamanha ânsia, nem se tentasse. Achava-se contente, calma e renovada, e era como queria ignorantemente continuar.

E, então, a rotina foi lhe tirando um pouco do brilho intenso que acreditava ter. Foi fazendo os movimentos automáticos e mecânicos de seu serviço que tomou consciência de quão corriqueira sua situação era. Mas um bom sistema não se deixa enganar; ou, tendo sido enganado, não deixaria de se enganar. E com o caminho do ledô engano tendo sido o escolhido para que permanecesse, logo fez tudo o que sempre fazia, entretanto com um novo e maior sorriso.

Sentia-se realmente especial, simplesmente por se achar especial. Era como se sua opinião a transportasse sem baldeação para a condição de ser realmente o que achava que era.

O almoço foi majestoso. A comida estava mais gordurosa que o normal, a garçonete sentia cólicas e as deixava transparecer em um doloroso atendimento. Ela, a especial, sentia-se a própria Rainha da Inglaterra, jovem e majestade. Se a Rainha tivesse sido fumante, então completavam-se as aparências.

Nada a poderia atingir. As reclamações sem motivo do chefe nem lhe causaram cócegas, embora no dia anterior mesmo tais reclamações a levariam aos prantos para o banheiro.

Descobrir o segredo da felicidade. Ser feliz, era a resposta. E continuaria alegre mas em silêncio, como se esperando que fosse feita a pergunta. Af, sim, compartilharia o segredo, ainda melhor que achar o Santo Graal.

O primeiro dia estava indo embora e ninguém notara. Estava feliz, mas só para si mesma. Então, descobriu outro segredo: a felicidade não é nada se os outros não felicitarem sua felicidade.

Ainda tinha esperanças, entretanto. Sempre que podia retocava a maquiagem, arrumava o cabelo sutilmente e sorria sem parar. Não se deixaria cair na monotonia triste e cinza do dia.

Na correria de uma rotina mais que chata,

um conto de carolina simionato

seu vizinho de sala, passando ligeiramente por sua mesa, enfim tornou-a mais realizada.

- Como está bonita e alegre hoje!

Riu-se de leve e agradeceu.

E tudo continuou seguindo, e ela não mais esperou elogios. Uma pessoa no primeiro dia já era de bom tamanho, não se podia ser tão exigente, também.

O escritório começou a esvaziar, e ela sentiu que aquele era um bom dia para fazer qualquer outra coisa. Qualquer coisa mesmo.

Quem sabe organizar sua mesa? Organizou-a. Ajudar a mulher que limpava o lugar? Ajudou-a. Mas não era aquilo.

A mulher da limpeza era fechada e pouco comunicativa no geral, então não a culpou quanto a seu silêncio, que a impediu até de agradecer.

Mas não era isso. Ela queria outra coisa, mais... colorida, quem sabe. Desceu para a rua, e sentiu-se parte do mundo. Havia um parque que ouvira dizer ser lindo, mas nunca o visitava - embora não fosse longe dos lugares pelos quais passava todos os dias. Então, tomou a decisão de finalmente vê-lo - algo que tanto queria, para que a demora, então?

Não tinha certeza do caminho, mas foi aproveitando passo a passo como únicos e saborosos. Mal podia acreditar que levara-lhe anos para conhecer o parque! Chegava a ser ridículo. Sua felicidade só fazia aumentar.

Agora já podia ver as árvores. Balançou a cabeça para ajeitar o cabelo, apertou a bolsa contra o corpo e apertou o passo, aproximando-se da entrada. Como quem espia numa fechadura, estreitou-se por entre o portão e ficou a observar o lugar. Entraria, certamente, mas, agora, parecia ter um medo bobo e qualquer.

Por fim, entrou. Foi andando devagar, como se algo pudesse mordê-la, e se impressionando com o verde. Nunca vira na vida tanto verde assim, junto. Nem naquela cidade e nem em outra, pois nunca havia a deixado para ir para o interior, também. Ou havia, mas esquecera-se ou não ligava diante de tanta cor.

Sentiu-se ainda mais feliz. Faltava-lhe companhia de outro alguém, mas naquele dia não lhe fez tanta diferença. Percebeu que a melhor companhia era a sua própria, a única que nunca iria e nem poderia a abandonar.

Demorou tanto para ser feliz mas, ah, quando começou, foi um encanto só. Poderia morrer naquele dia mesmo que, embora sentisse falta da vida boa que descobrira ter, iria sem reclamar do que teve.

Ainda tinha um maço de cigarros dentro da bolsa. Embora estivesse calma e feliz, havia guardado aquele em lugar acessível no caso de recaída. Não tinha medo de mimar a si mesma se necessário. E, além do mais, sobravam poucos cigarros no maço, e não tinha dinheiro para comprar

mais; se houvesse recaída, seria rápida.

Sentou-se debaixo de uma árvore, sentiu o vento e o sol que ia embora. E, como o sol, ela também foi.

Logo ao sair do parque, encontrou com um rapaz que não via havia meses. Ele era bonito e gentil e, se não fosse pela estória que contou-lhe de que não estava ainda preparada para amá-lo, estariam juntos até aquele dia. Mas sua atitude era nova, assim como todo dia é novo, e deu-lhe um caloroso abraço e boa noite, convidando-lhe para uma visita em breve; ele prometeu ligar-lhe e combinarem algo. Ambos sabiam no que aquilo levaria, e o rapaz não escondeu sua felicidade por perceber que naquele momento ela estava disposta a tê-lo. Quando se afastaram, olhou para trás apenas para vê-lo se afastando, e foi contente que percebeu que ele fazia o mesmo. Aquele era, definitivamente, um ótimo dia.

Teve vontade de chamar-lhe de novo e de caminhar com ele pelo parque que, naquela hora, ficava ainda mais bonito. E, se tivesse (pre)visto que sua saída a levaria a se afogar no mar de seu próprio líquido cor de vinho a desembocar ali mesmo na rua que não muito antes havia a direcionado à mais beleza, talvez teria se deixado levar junto a ele pelas calçadas destruídas e velhas do parque cercadas do verde às vezes pálido e doentio que agora assemelhava-se à cor de sua própria face. ☀



Carolina Simionato é estudante do ensino médio em Santa Terezinha de Itaipu, Pr.



circuito iguazú

a música na fronteira dos sonhos

Cultura e integração.

Com esta proposta a Tríplice Fronteira tem recebido periodicamente músicos de diferentes estilos para encontros com artistas da região.

O Circuito Iguazú de Música Popular Latino Americana - MPLA tem a proposta de difundir a música instrumental de artistas da América Latina e levar ao público uma nova opção cultural.

Texto: Fernanda Regina da Cunha

Fotos: Daniel Di Mônaco

4º Circuito Iguazú de Música Popular Latino-Americana

Convidados "Los Hermanos Nuñez"

20 de novembro: Hotel Saint George, Puerto Iguazu, Argentina

22 de novembro: Zeppelin Old Bar, Foz do Iguaçu, Brasil

Criado em maio, o Circuito Iguazú realizou eventos durante todo o ano de 2011, no Brasil e na Argentina, com músicos da nova safra como o trompetista Sérgio Coelho e o acordeonista Diego Guerreiro. Com a quarta edição prevista para os dias 20 e 22 de novembro, em Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu, respectivamente, o evento deve se consolidar no calendário permanente da região, tornando a fronteira um palco também da diversidade musical.

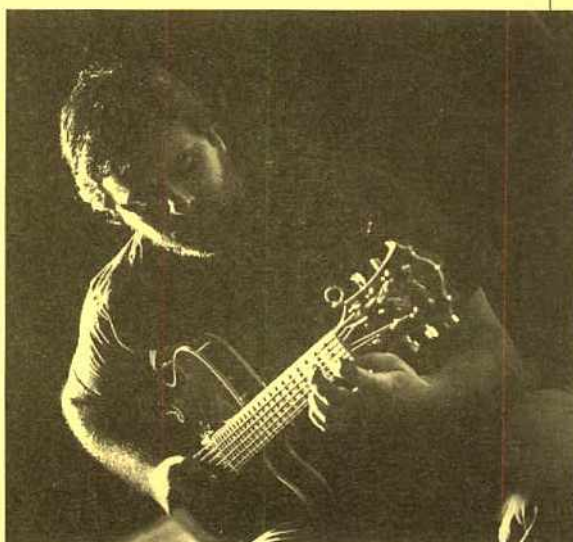
A quarta edição será com Los Hermanos Nuñez, um duo de bandoneon e guitarra, da cidade de Campo Vieira, no interior de Misiones – AR.

A proposta do circuito surgiu através de conversas informais entre amigos que já compõe o cenário musical de Foz do Iguaçu: Daniel Potrick, "o Bob", do

Zeppelin Bar", Renato Costa, "o Fumê", e Sebastian Pereyra. "A ideia é abrir espaços artísticos para difusão da música instrumental, além de oferecer ao público novas alternativas musicais, através da valorização de músicos daqui e de países vizinhos", explica Fumê.

O Circuito Iguazú MPLA tem seu foco na música popular contemporânea e pretende expandir o evento também para o Paraguai, fechando assim, o mapa da Tríplice Fronteira.

"Nosso objetivo é construir um público que goste da música e aberto às diferentes expressões da música. Nossa perspectiva é, ao final de cada temporada fazer um festival com todos os convidados do ano", aponta Sebastian. "Mas, é preciso, primeiro, reunir esse público, que prestigie o evento com sua presença".*



À esq., cena do I Circuito, em maio de 2011. Acima, "Fumê" e "Seba", músicos da fronteira realizando sonhos.

Vista esta camisa!



camisetas poéticas da guatá

Pedidos pelo email:
guata@guata.com.br

VENHA PARA O

Chapa

Restaurante,
Churrascaria,
Pizzaria
& Serviço a la carte

TELEFONE
(45) 3027.5906

R. Bartolomeu de Gusmão, 1014
Centro - Foz do Iguaçu, Pr.
restaurantechapa@hotmail.com

CAÇA E CAÇADOR.

É efêmero o amor do poeta
o alvo, inspira a sua poesia
viaja na história qual profeta
assim, como todo caçador...
Volátil, tal qual sua pontaria
troca-o, como troca de amor
sem alvo, atira versos no ar
no coração, não existe calor...
Molda em métricas e rimas
as palavras, na medida certa
ao vento, o sentido de amar...
Destroça aquele tolo coração
da musa que não seja esperta
e, viaja em sua louca ilusão...
Ele transforma o sentimento
em jogo, de caça e caçador...
Muda o alvo, a todo momento
em seu rastro, desilusão e dor ...

Nana Okida

"Em Paraty"

Fotografia de Fábria Tonin

A dissimulação me veste bem
Quando uma percepção me vem
aquela que nos tira qualquer atenção
Nunca entrei numa meditação
Para analisar se fiz mal ou fiz bem
Minha cabeça fica num vai e vem
Nao sei se tô numa viagem, ou senti um pouco
mais além

Andrea Palmar

Ama-me somente
quando envolta estou
em seus braços fortes e quentes
Ama-me
num beijo terno e profundo
que minh'alma mal sente
a delicadeza de seus lábios
Me ame
no toque leve de suas mãos
no olhar que me diz
tudo o que preciso ouvir

Apenas me ame
no calor de nossos corpos
um delírio de prazer
e a amargura de saber
que não nos podemos ter
pela eternidade,
pois partistes todas as noites
me deixando apenas a saudade.

Maira Fernanda

O sol vem surgindo lentamente,
curioso por seu horizonte,
mas o que se vê
é uma cidade com pressa.

O céu tem a cor
que a gente vê.

Gizele de Oliveira

No olhar posso ver
A pureza da alma
E assim entender
A beleza que acalma

No olhar posso sentir
O que se passa no coração
Quando insiste em resistir
E ignorar a razão

No olhar posso amar
Com plena verdade
Um amor capaz de durar
Por toda a eternidade

Um olhar enfim
Representa tudo
O começo, meio e fim
De um sentimento absoluto

Melissa Tamara

enigma

Enigma que tento desvendar
Uma parte do pedaço que não tenho
Em seus pensamentos encontrar
Algum caminho, mas não o vejo

Incrivelmente perdida eu te acho
Lutando em favor desse amor
E eu sempre aflito
peço que sempre amanheça em minha vida

Ate seu rosto é enigmático
Você me empolga a descobrir
Entender esse pedaço
Para que todas as partes
Enigma
Possam se fundir

Roubou meu coração e digo
Você não é só um amigo
Por mais que tentem eu não consigo
Afastada de ti eu não fico

Menino do meu coração
Agora coração que aqui bate
Já não tem só um corpo são
mas sim parte de mim
e de sua face

Bianca Montanari

Andréa Palmar de Almeida é advogada em Assunção, Paraguai.
Bianca Montanari é estudante do ensino médio em Foz do Iguaçu, Pr.
Fábia Tonin é cirurgiã-dentista em Taubaté SP
Gizele Borges de Oliveira é estudante de Letras em Foz do Iguaçu, Pr.
Maira Fernanda é estudante de Pedagogia em Foz do Iguaçu, Pr.
Melissa Tamara é estudante do ensino médio em Foz do Iguaçu, Pr.
Nana Okida é esteticista em Foz do Iguaçu, Pr.

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia

Til
Reprografia

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

SuQtel

FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

Cultura: do pensamento para o entretenimento

Nada mais desprezível e repetitivo do que certas falas sobre cultura que jorram nos congressos, seminários, na mídia, hoje em dia. A impressão é que houve uma perda da capacidade de produzir pensamento e a ausência de platéias seduzidas pela reflexão. Não se interroga a produção simbólica, faz-se reivindicações, relatos, comentários para animar um auditório acostumado ao olhar da televisão. Se algum dia na história, o filósofo, o intelectual, o crítico, o artista, o poeta ocupavam o lugar privilegiado de formar opinião, hoje, esse lugar é ocupado pelo produtor, o empresário cultural, o profissional de marketing. E a cultura é vista apenas como um agente de estímulo da economia de uma sociedade em declínio.

O discurso fica na superficialidade. Que a cultura é um bem de consumo, ninguém duvida, gera emprego, garante retornos significativos para a economia de uma cidade. Mas os profissionais do marketing, os políticos e os empresários ignoram na cultura a sua lógica: a do sentido, que ela é uma dimensão da existência do homem. "O que chamamos 'cultura', portanto é a ciência e a consciência com que o homem ocupa o espaço e o tempo de sua morada histórica. E o homem culto é aquele que cultiva essa ciência e essa consciência." (Gerardo Mello Mourão). A cultura é um conjunto de práticas por onde transitam uma autonomia, a experiência de uma saber e uma política específica. O patrocínio, que substituiu o antigo mecenato, reduziu os problemas da cultura às leis da economia e o poder do patrocinador acabou decidindo sobre padrões estéticos ou linguagens. Há uma valorização arbitrária de um produto cultural em detrimento de outro e a

divulgação fica submetida a um jogo de poder de quem manipula direta ou indiretamente com os mídias e o mercado.

Somente com talento e invenção é difícil competir no mercado. Os profissionais que ganharam celebridade através do marketing cultural animam o espetáculo que faz da cultura um supermercado de entretenimentos. "Nos meios de comunicação, a confusão que se estabelece entre o princípio tradicional de celebridade baseado nas obras, e o princípio midiático baseado na visibilidade da mídia é cada vez maior." (Pierre Bourdieu). A cultura passa a ser apenas o que ela representa no campo da economia e da diversão. Enquanto se discute as leis de incentivo à cultura, não se discute a idéia de cultura e as instituições culturais não cumprem o papel de difundir um princípio de cidadania cultural. Uma política cultural indecisa, calcada em princípios pouco profissionais que desprezam ou desconhecem o fazer e suas materialidades específicas. E sem trabalhos, sem críticas, sem um suporte que sustente a formação e a divulgação da informação não vamos construir nenhuma credibilidade cultural. "A arte age e continuará a agir sobre nós enquanto houver obras de arte" (Merleau-Ponty). E não discursos sobre as obras.

Uma cidade, um Estado, um País passam a ter uma existência cultural e conquistam um reconhecimento no futuro quando aprendem a respeitar seus artistas e intelectuais, quando aprendem a conviver e garantir as disparidades culturais. Entendemos que as instituições culturais como fundações, universidades, museus etc. têm um papel importante a cumprir na produção e divulgação da informação dos produtos artísticos acima de compromissos pessoais e políticos que ignoram a natureza das linguagens artísticas. "No curso de grandes períodos históricos, juntamente com o modo de existência das comunidades humanas, modifica-se também seu modo de existir e perceber" (Walter Benjamin). A produção cultural participa dessas mudanças com a tarefa de transformar a realidade dentro de um território determinado da sociedade e do pensar onde a cultura age.



Almandrade é artista plástico, poeta e arquiteto em Salvador, BA



ideal
IND. GRÁFICA

Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / Foz do Iguaçu - PR
graficaideal@compubras.com.br

RESTAURANTE
Sabor Mais
NATURAL



*Uma opção saudável,
pertinho de você!*

*Venha provar
e se deliciar!*

Tel. (45) 3025-5700

Segunda à sábado:
das 11h às 14h30m

Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR
www.sabormaisnatural.com.br

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.

www.revistaideias.com.br

IDEIAS

VALE A PENA VOCÊ

PÔR NA SUA CABEÇA



www.revistaideias.com.br

Três
de
Edições

No Zeppelin
a Música
não pára!

Visite o site do Zeppelin
e conheça nossa
programação semanal.



www.zeppelinoldbar.com

Ela vem toda de branco e despenteada **Toda molhada**
Que maravilha
Que coisa linda é o meu amor

As Cataratas do Iguaçu são uma das
28 finalistas do concurso mundial
promovido pela organização suíça
New7Wonders para a escolha das novas
7 Maravilhas da Natureza.

Vote
CATARATAS
DO IGUAÇU
ESSA MARAVILHA
É NOSSA.



ENVIE SMS*
PARA **22046**
COM A PALAVRA
CATARATAS



OU ACESSE
votecataratas.com



Integração
que gera energia
e desenvolvimento



Música: "QUE MARAVILHA" (Jorge Ben/Toquinho). Prazo para votação: 11/11/2011. * Torpedos válidos apenas em território nacional. Custo por SMS: R\$ 0,31 + tributos. Operadoras participantes: TIM, Oi, Vivo, Claro, Nextel.